

MARCAS E FICÇÕES DE ORALIDADE NAS COMPILAÇÕES DE *EXEMPLA* (SÉCULOS XIII a XV)*

Prof. Dra. Marie Anne Polo de Beaulieu
Centre de recherches Historiques, Paris
École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)
Groupe d'Anthropologie Historique de l'Occident Médiéval (GAHOM)
marie-anne.polo@ehess.fr
Recebimento : 27/02/2015
Aprovado em : 30/04/2015

Resumo:

Neste artigo, procuraremos compreender o estatuto das fontes orais, principalmente o espaço preponderante por elas ocupado entre os cistercienses, os traços deixados pelas intervenções e pelo desempenho do predicador (Jacques de Vitry e Bernardino de Siena, principalmente), mas também as reações do público, para nos interrogar sobre as engrenagens dessa oralidade, que repousa sobre o *code switching* (passagem de uma língua a outra – do latim ao vernáculo), a inserção de provérbios e de formas dialógicas. Interrogar-nos-emos, enfim, sobre o caráter fictício desses relatos.

Palavras-chave: Predicação, narração, cultura, língua, técnica intelectual, cultura folclórica, cultura clerical.

Resumé:

Dans cet article nous nous attacherons à comprendre le statut des sources orales, notamment leur place prépondérante chez les cisterciens, les traces laissées par les interventions et la performance du prédicateur (Jacques de Vitry et Bernardin de Sienne notamment) mais également les réactions de l'auditoire, pour nous interroger finalement sur les ressorts de cette oralité qui repose sur des codes switching (passage d'une langue à l'autre, en l'occurrence du latin au vernaculaire), l'insertion de proverbes et de formes dialoguées. Nous nous interrogerons pour finir sur son caractère fictif.

Mots-clés: Prédication, narration, culture, langue, technique intellectuelle, culture folklorique, culture cléricale

Para introduzir esse assunto, faz-se necessário lembrar que após a tese pioneira (mas que ficou sem continuidade) de Welter em 1927, foi Jacques Le Goff quem relançou o estudo dos *exempla* na França a partir de 1975, propondo defini-los como "narrativas dadas como verídicas, e destinadas à inserção em um discurso, geralmente um sermão, para convencer um público com uma lição salutar"¹. A partir disso, essa definição foi naturalmente refinada e renovada: os *exempla* passaram a ser tratados como um processo de exemplificação, aquilo que torna exemplar, e, portanto, utilizáveis em um discurso didático – toda narrativa, ficcional ou dada como verídica². Ademais, outra distinção é feita entre os *exempla* homiléticos e os chamados retóricos que inervam toda a literatura didática religiosa e profana³.

O século XIII foi chamado idade de ouro do *exemplum*, mas não se deve esquecer que os pais da Igreja já haviam recorrido a eles: Gregório Magno fez uso importante deles em seus *Dialogi*. Antes dos frades mendicantes, os monges⁴ (às vezes responsáveis pela *cura animarum*⁵), em especial os cistercienses, souberam tirar proveito da retórica exemplar. Tampouco se devem omitir alguns seculares de talento⁶, como Jacques de Vitry, que lembra repetidamente as dificuldades da pregação, mesmo adornado com bem contadas anedotas exemplares. Ele chega a comparar alguns pecadores inveterados aos crocodilos, cuja pele é endurecida pela carapaça de vícios e de riqueza, de modo que as flechas das palavras divinas não a podem penetrar. Eles não são chamados ao serviço de Cristo nem pelo raciocínio, nem pelas histórias exemplares. Eles são como os asnos habituados a ficar em um moinho e que se recusam a sair dele, mesmo quando tomado pelo incêndio⁷. Jacques de Vitry acrescenta: outros, ao contrário, não apenas se recusam a ouvir a palavra de Deus, como também deboçam de quem a escuta. Eles fazem o possível para lhes tirar a atenção do que é dito e para impedir o sermão. Isso não é um sacrilégio menor do que destruir os sinos para que ninguém vá à igreja. O pregador é, pode-se dizer, o sino do Senhor (*Campana enim Domini dicitur predicator*)⁸.

Para ajudar os pregadores que enfrentavam tais dificuldades, várias *artes praedicandi* floresceram no século XIII⁹. A *Summa de arte predicatoria* de Alain de Lille¹⁰ (1125-1202) regula estritamente o desempenho dos pregadores para evitar que sejam confundidos com atores: a pregação deve evitar as palavras típicas do bobo da corte ou as pueris, assim como as melodias ritmadas e acordos métricos, que são feitos mais para seduzir os ouvidos do que para educar as mentes. Essa pregação teatral se aproxima da imitação e deve ser condenada de todas as formas possíveis. Sobre esse tipo de pregação, diz o profeta: "O seu melhor vinho está misturado com água [Is. 1. 22]".

Humberto de Romans, Mestre Geral dos frades Pregadores (1254-1263), lembra, em seu *De erudicione praedicatorum*, que a utilidade e a eficiência devem guiar o pregador na escolha e na utilização dos *exempla*. Ele expõe sete regras de seu uso correto: em função da qualidade do orador, da natureza do público, do lugar da narrativa no sermão, de seus anexos (*auctoritas* e *rationes*), de sua escolha (brevidade e utilidade), de sua veracidade (fábulas são aceitas se o seu significado moral for útil ao propósito) e de sua autoridade¹¹.

A posição dos *exempla* com relação à oralidade revela-se complexa: eles são colocados entre desempenho oral – geralmente em língua vernácula na pregação *ad populum* – e conservação escrita – na maioria das vezes em latim, seja em compilações de sermões compostas pelo próprio pregador (como Jacques de Vitry), seja em *reportationes*¹², seja em compilações de *exempla*. É nesta última categoria que se concentrará, essencialmente, a nossa atenção. Os *exempla* também podem estar ricos de preciosas informações sobre as práticas da oralidade em mosteiros, como pudemos constatar para o *Dialogus miraculorum* de Cesário de Heisterbach¹³.

Para identificar as marcas e as ficções da oralidade nas compilações de *exempla* dos séculos XIII a XV, nós evocaremos, inicialmente, os elementos-chave dessa oralidade, a saber, os traços deixados pelas intervenções e o desempenho do pregador, mas também as reações do público para nos questionar, finalmente, sobre as engrenagens dessa oralidade (*code switching*, provérbios e formas dialógicas) e seu caráter ficcional.

1 – Intervenções do pregador e de seu público¹⁴

Entre as intervenções dos pregadores, uma primeira marca de oralidade é constatada nas fontes orais de *exempla*. Majoritárias entre os Cistercienses¹⁵ e Jacques de Vitry¹⁶, elas são, em grande parte, preteridas nas fontes escritas dos frades mendicantes¹⁷.

Note-se, no entanto, uma coleção excepcional pelas referências a fontes orais de origem familiar: o *Bonum universale de apibus*. Nele, o dominicano Thomas de Cantimpré refere-se várias vezes a seu pai e a sua mãe¹⁸ como informantes e fiadores de algumas de suas histórias: "Foi a minha mãe que me ensinou o que eu vou contar", afirma ele, antes de relatar a visão que teve sua própria avó de seu filho mais velho falecido havia pouco – a história de um espírito, portanto. Em outro momento, ele observa: "Muitas vezes ouvi meu pai me contar, com piedosas lágrimas, como fui posto aos estudos". Pode-se imaginar o impacto afetivo e emocional desse tipo de introdução em um sermão.

Pode-se perguntar se a voz de Cesário orando pode ser ouvida no final de alguns *exempla* de seus *Dialogus miraculorum* que se concluem com orações como: "A Ele a glória, Ele que glorifica assim aqueles que se convertem a Ele! A Ele com o Pai e o Espírito Santo, honra e poder pelo século dos séculos! Amém" ou "E nós, irmãos, com eles (os peregrinos que estavam em Schönau) rendemos graças ao nosso Salvador que quis que esses fatos acontecessem em nossos dias a nossa Ordem, para a sua glória e nossa edificação, Ele que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amém"¹⁹. Esses finais dão sem dúvida a entender de que maneira são contados os *exempla*, incrustados em um desempenho oral mais amplo, que inclui citações bíblicas, glosas, orações, mensagens aos ouvintes.

Avançando alguns séculos e passando para a Itália na metade do século XV, tomemos outro exemplo dos vestígios deixados nos *exempla* pelas intervenções do pregador.

Se Bernardino de Siena (1380-1444) não deixou compilações de *exempla*, os *reportationes* de seus sermões atestam um uso intensivo da retórica exemplar. Os trabalhos de Carlo Delcorno seguido dos de Valentina Bérardin e, neste volume, de

Carolyn Muessigi²⁰, mostraram os traços deixados por seus desempenhos orais no próprio texto dos *exempla* relatados.

Recordemos alguns dos seus procedimentos: proferir exclamações e lançar mensagens ao público sob forma de interjeições ou, até mesmo, sob a forma de diálogos fictícios (de acordo com a técnica de *sermocinatio*), por vezes desenvolvidos em pequenas cenas.

Às vezes, os próprios *exempla* dão conta das reações do público.

Jacques de Vitry foi um fino observador das reações de seu público, salvo quando ele reforça defeitos deste último para melhor engendrar seu próprio sucesso.

Alguns fiéis entregam-se a pensamentos frívolos e falam sobre coisas de pouca importância durante os sermões e na igreja. Durante uma grande solenidade, um santo sacerdote viu um diabo estender um pergaminho com os dentes. Ele o esconjurou a dizer o que estava fazendo e o diabo explicou que escrevia todas as palavras fúteis (*verba ociosa*) que se diziam na igreja e hoje, dia de festa, ele precisava de mais espaço em seu pergaminho. O padre revelou ao povo esse diálogo. As palavras daqueles que se arrependeram foram apagadas pelo diabo, por isso, o pergaminho tornou-se novamente virgem.²¹

Jacques de Vitry reporta mais raramente casos de oposição frontal à ação e à palavra do pregador, talvez para evitar ter que desenvolver muito os argumentos que tentam deslegitimar ou invalidar as normas expedidas pelo sermão. Seu caráter público já é em si tão subversivo que sua difusão por escrito poderia espalhar essa contestação leiga, que facilmente se tornaria uma heresia.

Ele relata que os peregrinos desapontados por não terem sido curados no túmulo de um santo, começam a perturbar o Ofício Divino e a importunar os fiéis. Essa exigência de milagre é facilmente satisfeita pelo sacerdote que pede aos paráliticos e aos coxos para largarem seus cajados e esperarem um pouco, até que o fogo seja trazido para queimar a parte do seu corpo que está atrofiada, para que ele lance essas cinzas sobre outros a fim de curá-los. Os doentes aterrorizados salvam-se desordenadamente, o medo dando-lhes asas.²²

É na pena de Etiénne de Bourbon que se encontra o vestígio de um verdadeiro confronto verbal entre um pregador e uma de suas ovelhas:

Um camponês objetou um frade que estava pregando sobre o inferno, dizendo que ele não tinha ido até lá. O pregador respondeu-lhe que, se alguém de lá houvesse saído, ele não acreditaria na história com facilidade, pois pensaria que ele próprio poderia sair de lá.²³

Da mesma forma, o compilador anônimo da *Compilacio singularis exemplorum* (composto por volta de 1285) retrata duas mulheres de idade que contestam a palavra pregada. Essas mulheres são associadas a bruxas:

Uma feiticeira assistia ao sermão de um pregador caolho que pregava contra seus semelhantes. Ela levantou-se e disse: "Você prega bem contra essas pessoas, mas é certo que se você tivesse recebido um encanto para esse olho, você não o teria perdido"²⁴! Um bispo, pregando contra as feiticeiras, ensinou

o seguinte encantamento, dizendo: *Ovelha branca, ovelha negra, pouco me importa se tu morres, ou se tu vives*. E, para debochar, ele declarou que esse encantamento valia tanto quanto os outros. Uma velha simples que lá estava assim tomou conhecimento disso; tornou-se feiticeira e foi, em seguida, solicitada por muitas pessoas. O bispo veio, convocou-a e acusou-a de ser herética e de corromper a fé. Ela declarou que não conhecia nenhum encanto senão o que ele mesmo lhe ensinara. Ao ouvir essas palavras, o bispo, cheio de admiração, pregou ao povo para que zombassem das feiticeiras²⁵.

As engrenagens dessa oralidade reportada também devem ser pesquisadas em outros procedimentos.

2 – Modalidades e funções dessa oralidade ficcional

A primeira função dessa oralidade é criar um efeito real e uma convivência com o público, principalmente através da utilização de *code switching*, de provérbios e de formas dialógicas.

As interpolações em língua vulgar inserem-se nas compilações latinas e contribuem ao efeito de realidade e de oralidade dos diálogos. Jacques de Vitry fez uso frequente desse procedimento, recorrendo, por exemplo, a um termo preciso (em geral figurativo) em língua vulgar:

Ecce furce, iste eriguntur ut pusillanimes et meticulosi terreantur et patibulum deridendo vocant vulgariter espoente coard.

A força seria, então, chamada, em francês, *espoente coard*, expressão que, à primeira vista, zomba dos covardes apavorados; a língua vulgar carrega em si uma mensagem moral²⁶.

Mas, às vezes, réplicas inteiras de diálogos são apresentadas em francês antigo: um homem agonizante, ao ouvir sua esposa avara pedir um lençol de má qualidade e em pequena quantidade para costurar sua mortalha, exclama: “*Cort le me faites pour ne le crotter* (faça-mo curto para não o sujar)²⁷”. Essa resposta cheia de humor encontrou um profícuo destino nas compilações de *exempla*.

Uma parte da narrativa pode bruscamente passar do latim para o francês a fim de integrar algum tipo de refrão bem conhecido. Depois de ter contado como a irmã de São Bernardo veio visitar seus irmãos ingressos nas ordens, eles recusaram-se a vê-la, por conta de suas vestimentas de luxo e de seus ornamentos. Ela desfez-se deles e tornou-se religiosa. Jacques de Vitry continua:

Hujusmodi autem mulieres quando ad publicum exire vel etiam ire debent, magnam diei partem in apparatu suo consumunt. Quant Aeliz fu levee, et quant ele fu lavee, et la messe fu chantee, et deable l'ont emportee, quod est : Quando Aeliz de lecto surrexit, et lota fuit, et in speculo espexit, et vestita et ornata fuit, jam truces ad processionem tulerant, et missam cantaverant, et demones eam tulerunt qui comites ejus fuerunt²⁸.

Enfim, Jacques de Vitry transcreve novamente em latim e em língua vernácula (em tom jocoso) um encantamento para os ratos dos sótãos cheios de grãos:

Unde ad earum derisionem solent dicere vulgariter quasi quamdam carminationem qua mures carminati a segetibus eorum arceantur sub hiis verbis :

*Je vos convie sorriz et raz,
Que vos n'aies part en ces tas,
Ne plus que n'a part en la messe,
Cil qui prent pais a la presteresse.*

Quod est : « Adjuro vos mures et rati, quod non habeatis partem in hac collectione manipulorum, vel in hoc acervo granorum, sicut non habet partem in missa qui osculum pacis accipit a sacerdotissa ». Et tenent quod mures postea manipulos vel grana non tangunt²⁹.

A concubina do padre, a sacerdotisa, não tinha o direito de dar o *osculum* (o beijo de paz) na missa; da mesma forma, os ratos não terão o direito de pegar uma parte dos grãos estocados. Alguns efeitos da rima tornam ainda mais fácil a memorização desses poucos versos.

Escrevendo no sul da França, na região de língua d'Oc, Jean Gobi († 1350)³⁰ orna sua compilação, a *Scala coeli*, de algumas expressões e frases em provençal, como termos técnicos - *li anstour* (o pássaro ao redor), *vanascellos* (marionetes) - ou réplicas que tornam os diálogos mais picantes. Assim, o irmão de São Bernardo, o último a se converter, disse-lhe: "*Tu vocabis me fratrem Musardum quare soy vengut tan tart*". Uma criança diz a seu irmão que lhe roubou um pedaço de comida: "*Fraire, ieu la tossia, mais vos la manjatz*"³¹.

Esses fenômenos de *code switching* são sistemáticos nos casos de emprego de provérbios que contribuem com um efeito de oralidade e criam uma convivência em torno de uma sabedoria compartilhada por todos.

Segundo Elisabeth Schulze-Busacker³², o provérbio distingue-se facilmente do resto do texto por um código particular de caráter universal, por fórmulas introdutórias ou conclusivas específicas, por características arcaicas da construção gramatical, pelo ritmo binário e pelo emprego do presente como tempo anistórico. Pode-se perguntar se os provérbios inseridos nos *exempla* não funcionam como marcadores de uma oralidade muito específica: a *vox populi*, uma sabedoria ancestral e compartilhada, expressa em língua vulgar, que torna inútil qualquer raciocínio.

Entre os pregadores mendicantes, somente Étienne de Bourbon aconselha o uso de provérbios nas compilações de *exempla*, mas apenas "os ditos e os provérbios dos filósofos e de suas obras³³", ou seja, as sentenças morais atribuídas aos sábios da Antiguidade, o que não corresponde perfeitamente à terminologia de Elisabeth Schulze-Busacker e remete provavelmente às sentenças da *Disciplina clericalis* ou, talvez, aos *Disticha Catonis*, muito largamente difundidos³⁴.

De fato, um levantamento feito por Jacques Berlioz apresenta quatorze provérbios. Geralmente, são apresentados em latim (apenas um é citado em francês antigo), mas com

uma nota que remete ao caráter vernacular da expressão (*vulgariter dicitur*). Muitas vezes, os provérbios são acompanhados por um comentário destinado a associá-los à noção teológico-moral que Étienne de Bourbon quer ilustrar. Assim, no dom da piedade, quando ele usa o provérbio "Quem possui o camponês, detém também a sua caça", ele o alegoriza relacionando o vilão ao Espírito Santo, e a caça, à comunhão de seus bens.

Os compiladores seguintes – Thomas de Cantimpré³⁵, Arnold de Liège, Jean Gobi, o compilador da *Tabula exemplorum* (1261-1292)³⁶ – utilizaram com parcimônia os provérbios (jamais citados nos prólogos); ao passo que o pregador anônimo da *Compilacio singularis exemplorum* utiliza não somente oito provérbios em francês antigo em sua coleção, como também propõe, após seus *exempla*, uma lista de 175 provérbios em francês antigo³⁷. É em uma compilação anônima em francês antigo, o *Ci nous dit*, composto entre 1313-1330, que mais se encontram provérbios: não menos que 80, divididos em 781 capítulos³⁸.

As qualidades didáticas dos provérbios são, então, colocadas à disposição nas compilações de *exempla*. Efetivamente, eles permitem resumir de forma sucinta e fácil de ser memorizada a lição que se revela por trás do prazer da narrativa. Por acaso não se lê "belo provérbio faz-se lembrar" no *Li respit del curteis et del vilain*³⁹? A autoridade do provérbio parece "natural", ligada a um conhecimento universal, compartilhado por todos. Eles difundem as verdades evidentes que transcendem as diferenças culturais. Ela é apresentada sem menção à fonte, como uma marca de oralidade, mas pode-se interrogar, juntamente com Claude Buridant⁴⁰, sobre o fato de que os compiladores de *exempla* podem ter recorrido mais às compilações de provérbios do que à cultura oral.

Recorrendo a provérbios, os pregadores queriam ancorar a mensagem pastoral na vida dos fiéis. Os pregadores exprimem-se em provérbios (raramente, aliás) exclusivamente para melhor transmitir sua mensagem em uma retórica persuasiva que, da mesma forma, lança mão do diálogo em todas as suas formas.

Concentrar-nos-emos no *Dialogus miraculorum* de Cesário de Heisterbach, mas muitos outros exemplos foram analisados em um volume recente⁴¹.

Na própria organização do *Dialogus miraculorum*, o diálogo desempenha papel central: parece ser uma espécie de protótipo do diálogo cisterciense, mais precisamente, daquele que permite a um monge mais experiente treinar um noviço. Logo no prólogo, Cesário Heisterbach anuncia: "Para dividir os *exempla* na ordem mais adequada, apresentei uma espécie de diálogo entre duas pessoas: um noviço que faz perguntas e um monge que dá respostas" (Prologue, p 2, trad. p. 1). Como antigo mestre de noviços, Cesário conhece bem essa pedagogia por uma narrativa comentada em um diálogo. Peter von Moos demonstrou a importância desse procedimento educativo nessa época⁴². Nos *Dialogus miraculorum*, é claro que Cesário identifica-se plenamente com a voz desse monge que aconselha o jovem noviço. É ele quem conduz o diálogo por fórmulas como "retornemos então ao nosso assunto anterior após essa longa digressão devida à sua pergunta"⁴³.

O papel do monge parece, pois, preponderante nesse diálogo, seu tempo de fala é muito mais longo do que o do noviço. Sua função é conectar logicamente as narrativas, dando-

lhes uma introdução e uma conclusão, que esclarece seu sentido e seu alcance. Por exemplo, ele introduz uma série de *exempla* sobre o binômio falta clássica/punição pela lição: "Que a falta foi grave, pode-se deduzi-lo facilmente a partir da punição"⁴⁴. Entretanto, para dar mais envergadura a esse diálogo fictício, o monge também pode ser levado a ir mais longe a partir das observações do noviço: quando este se inquieta com os monges que perderam o seu fervor, o monge responde: "Eu tenho muitas vezes ouvido falar de tais casos..."⁴⁵.

Nesse intercâmbio pedagógico, o noviço tem um papel que varia. Às vezes, ele se contenta em recitar uma fórmula repetitiva que permite avançar a narração do monge: se este último lhe pergunta se ele quer ouvir um exemplo de um determinado assunto, ele responde: "Eu o quero e eu o desejo"⁴⁶. Esse esquema convencionalizado pode, contudo, ganhar vida quando as respostas do noviço são mais sofisticadas: "Peço exemplos", "Não seria inútil que aqueles que ainda estão no mundo ouçam falar disso por meio de um exemplo"⁴⁷. Às vezes, é o próprio noviço que parece conduzir a sequência de lições dadas por seu mestre: "Confesso que isso me basta no que tange à pregação; continua agora, peço-te, a respeito da oração"⁴⁸. O noviço faz perguntas e parece, até mesmo, opor-se ao monge quando ele diz: "Você parece passar a ordem antes da peregrinação". Outras vezes, ele aprova as lições dadas pelo monge: "Eu não me arrependo de ter levantado essa questão, pois gostei muito da resposta" (I, 6, p. 13). O noviço é inclusive convidado a construir raciocínios sob o controle do monge: "Se os homens pudessem ver algumas dessas coisas, *penso* que não pecariam tão livremente."- E o monge aprova: "O que dizes é verdade"⁴⁹.

Todos esses textos retratam uma oralidade escrita preservada entre as páginas dos manuscritos. Ela é, por essência, fictícia, mas, às vezes, o pregador força o traço da oralidade, quando, sem dúvida, ele recorreu a fontes escritas – procedimento extremo que levanta questões sobre as funções dessa oralidade na economia do sermão.

Um *exemplum* a título de conclusão

Herbert de Torres, um cisterciense – cujo *De Miraculis* depende exclusivamente de fontes apresentadas como orais – apresenta, na terceira parte de sua compilação dedicada aos monges e noviços de Clairvaux (Cap. XLV. Do noviço que foi flagelado pela ação divina para que se convertesse), a história de um clérigo fortemente criticado que se torna cisterciense em Clairvaux.

Há no mosteiro de Clairvaux um homem venerável e religioso, cujo nome não queremos revelar enquanto vivo estiver. Quando era um jovem clérigo delicado, muitas vezes desperdiçou seus dias com vários espetáculos e divertimentos diversos na companhia de meninos de sua idade. Uma vez em que acorreu uma multidão a uma casa onde se deveria passar o dia, como de costume, para ver peças de teatro e outros entretenimentos, esse jovem também lá se apresentou, a fim de alimentar seus gostos depravados com o espetáculo dessas vaidades [Ct 1, 7]. Havia pessoas que jogavam dados. Para melhor observá-los, ele subiu em uma mesa e deitou-se de bruços. De repente,

pareceu-lhe que uma mão humana o flagelava de forma invisível e, do alto, infligia-lhe violentamente, como com um pilão, uma saraivada de golpes na cabeça, nos ombros e nas costas todas.

O jovem homem, apavorado e dolorido, pensando que sua hora havia chegado e sem ousar gritar de dor diante de todos, fez uma prece a Deus, implorando perdão por seus numerosos pecados. Ele ouviu então uma voz que lhe ordenou ir a Clairvaux, e, assim que ele assentiu mentalmente, a tortura cessou. No dia seguinte, ele entrou para o monastério de São Bernardo, sem sequer avisar sua rica família, para quem deixou suas terras e sua fortuna. Lá, ele se tornou um monge exemplar.

Essa narrativa de uma conversão excepcional, que possui todos os sinais de uma narrativa associada a uma experiência única transmitida oralmente, foi largamente divulgada pelo folclore monástico cisterciense, através o *Exordium magnum cisterciense*⁵⁰, sem, entretanto, ter sido retomada pelas compilações mendicantes. Ora, essa narrativa tem alguns pontos de semelhança perturbadores com uma das narrativas autobiográficas de Otloh de Santo Emmeram de Ratisbonne, em seu *Liber visionum*, no qual ele mesmo cita o sonho de São Jerônimo, como J.-Y. Tilliette já bem demonstrou⁵¹. Significaria isso a existência de fraude, com o desejo de ocultar fontes beneditinas para o benefício de Clairvaux? Pode-se também imaginar que uma experiência literária bastante forte pudesse comunicar uma experiência espiritual, a ponto de as palavras para descrever essa experiência espiritual serem naturalmente emprestadas de textos lidos, memorizados, meditados? Tocamos, aqui, todas as dificuldades do assunto que nos reúne hoje e que não deixará de suscitar ricas questões, desde que se faça a escolha, absolutamente judiciousa, pela longa duração.

Referência Bibliográfica

Fontes primárias

Caesarii Heisterbacensis monachi ordinis cisterciensis Dialogus Miraculorum, éd. Josephus Strange. Cologne, Bonn, Bruxelles, 2 vol., 1851.

Jacobus a Vitriaco, *Sermones vulgares*, ed. Crane, 1890 ;

Iacobus de Vitriaco, *Sermones uulgares uel ad status*, ed. J. Longère, Turnhout, Brepols, CCCM 255, 2013 (prologue et 36 premiers sermons) ;

Alanus de Insulis, *Summa de Arte Praedicatoria, Patrologia Latina*, t. 210, col. 111 – 198 ;

Humbert de Romans, *De erudicione praedicatorum*, ed. J. J. Berthier, *Opera de Vita regulari*, t. II, p. 373-483 ;

Humbert de Romans, *De Dono Timoris*, éd. Ch. Boyer, Turnhout, Brepols, 2008 (CCCM 218) ;

Stephanus de Borbone, *Prima pars, De Dono Timoris*, ed. Jacques Berlioz et Jean-Luc Eichenlaub, Turnhout, Brepols, 2002, CCCM 124) ; *Id., Tertia pars, De Dono Sciencie*, ed. Jacques Berlioz, Turnhout, Brepols, 2006, CCCM 124B,).

Thomas de Cantimpré, *Bonum Universale de Apibus*, éd. Douai, 1613 ; trad. Henri Platelle, *Les Exemples du livre des abeilles*, Turnhout, Brepols, 1997 ;

Compilacio singularis exemplorum, éd. A. Hilka, « Altfranzösische Zaubersprüche (die *Compilacio Singularis Exemplorum* des Hs. Tours 468, ergänzt durch eine Schwesterhandschrift Bern 679) », *Zeitschrift für romanische Philologie*, 37, 1913,

Tabula exemplorum, éd. J. Th. Welter, éd., *La Tabula exemplorum secundum ordinem alphabeti. Recueil d'exempla compilé en France à la fin du XIII^e siècle*, Paris-Toulouse, 1927 (réimpr. Genève, 1973) ;

Joean Gobi Junior, Scala coeli, ed. Polo de Beaulieu, Paris, CNRS, 1991 ;

Jean Bromyard, Summa predicantium, éd. Nuremberg, 1485 ;

Patrus Alphonsi, Disciplina clericalis, ed. A. Hilka, W. Söderhjelm, 1911 ;

Conrad d'Eberbach dans l'*Exordium Magnum* (Conrad d'Eberbach, *Le Grand Exorde de Cîteaux*, traduction A. Piebourg, sous la direction de Jacques Berlioz, Turnhout, Brepols/Cîteaux,-*Commentarii Cistercienses*, 1998,

Bibliografia secundária

Jean Thiébaud Welter, *L'exemplum dans la littérature religieuse et didactique du moyen âge*, (Bibliothèque d'Histoire ecclésiastique de France 8, Auch, Thèses françaises de lettres 2. Sér., 59). Paris/Toulouse 1927; Nachdruck Genf 1973 ;

Claude Bremond, Jacques Le Goff, Jean-Claude Schmitt, *L'Exemplum*, Turnhout, Brepols, Typologie des Sources du Moyen Age Occidental, fasc. 32, 1984, rééd. 1996, p. 37-38.

Jacques Berlioz, Marie Anne Polo de Beaulieu, *Les Exempla médiévaux : Nouvelles perspectives*, Paris-Genève, 1998 ;

Marie Anne Polo de Beaulieu, Pascal Collomb et Jacques Berlioz (dir.), *Le Tonnerre des exemples. Exempla et médiation culturelle dans l'Occident médiéval*, Rennes, Presses universitaires de Rennes (coll. Histoire), 2010,.

Portal do GAHOM : <http://gahom.ehess.fr/>

Silk, Mark Reuel, *Scientia rerum : the Place of Example in Later Medieval Thought*, Harvard University, Ph. D. 1982 (*Dissert Abstr. intern.* 43 A, 1982-1983, 1639) ;

Oppel, Hans Detlef, « Exempel und Mirakel », dans *Archiv für Kulturgeschichte*, 59, 1976, p. 96-114 ;

Nicole Bériou *Les maîtres de la parole. La prédication effective à Paris au XIIIe siècle*, Paris, Études Augustiniennes, 2 vol., 1999 ;

Nicole Bériou et Franco Morenzoni, (dir.), *Prédication et liturgie au Moyen Âge*, Turnhout, Brepols (Bibliothèque d'Histoire culturelle du Moyen Âge, 5), 2008 ;

Franco Morenzoni, *Des écoles aux paroisses. Thomas de Chobham et la promotion de la prédication au début du XIIIe siècle*, Collection des Études Augustiniennes, Série Moyen Âge et Temps Modernes, 30, Institut des Études Augustiniennes, Paris, 1995 ;

M. A. Polo de Beaulieu; « De l'exemplum monastique à l'exemplum mendiant : continuités et ruptures », dans R. Forster et R. Günthart (hrsg.), *Didaktisches Erzählen. Formen literarischer Belehrung in Orient und Okzident*, Peter Lang Verlag, 2010, p. 55-84 ;

Marie Bouhaïk-Gironès et Marie Anne Polo de Beaulieu (s. d.), *Prédication et performance du XIIe au XVIe siècle*, Paris, Classiques Garnier, 2013 ;

Voir Steven, Vanderputten, (dir.), *Understanding Monastic Practices of Oral Communication (Western Europe, Ten-Thirteenth Centuries)*, Brepols, 2011, Utrecht Studies in Medieval Literacy, 21, notamment Marie Anne Polo de Beaulieu, « Traces d'oralité dans les recueils d'exempla cisterciens », p. 139-158 ;

- Alan E. Bernstein, "Teaching and Preaching Confession in Thirteenth-Century Paris", in, Albert Ferreiro (dir.), *The Devil, Heresy and Witchcraft in the Middle Ages. Essays in Honor of Jeffrey B. Russell*, Leidein-Boston-Köln, Brill, 1998, p. 111-130 ;
- Valentina Berardini, « Prédicateurs et acteurs. À la recherche d'indices de performance dans les sermons de la fin du Moyen Age . » dans *Prédication et performance, op. cit.*, p. 79-90 ;
- C. Delcorno, « Da Vincent Ferrer a Bernardino da Siena. Il rinnovamento della predicazione alla fine del Medio Evo », dans *Mirificus predicator. A l'occasion du sixième centenaire du passage de saint Vincent Ferrier en pays romand* (s. d. B. Hodel et Fr. Morenzoni), Roma, Istituto Storico Domenicano, 2006, p. 7-38 ;
- Claude Lecouteux, *Charmes, conjurations et bénédictions. Lexique et formules*, Paris, Champion, 1996 (Essais sur le Moyen Âge, 17), p. 116-117 ;
- M. Vaisbrot, « Édition critique de la *Compilatio singularis exemplorum* (seconde partie), d'après les ms. d'Upsal, de Tours et de Berne », dans *Positions des thèses ...*, Paris, École nationale des chartes, 1968, p. 183-184 ;
- Jean- Patrice Boudet, « Femmes ambivalentes et savoirs magiques : retour sur les *vetule* » dans Anna Caiozzo et Nathalie Emoult (ed.), *Femmes médiatrices et ambivalentes : mythes et imaginaires*, Paris, A. Colin, 2012, p. 203-213 ;
- Jacques Berlioz et Marie Anne Polo de Beaulieu, « *Chardon branchu, scarabée cornu...* » Charmes et sortilèges dans la *Compilacio singularis exemplorum*, recueil de récits exemplaires de la fin du XIII^e siècle. », *Mélanges Claude Gaignebet*, em edição;
- Thomas Wright, *A Selection of latin stories from manuscripts of the thirteenth and fourteenth centuries*, Londres (Percy Society, 8), 1842 ;
- Marie Anne Polo de Beaulieu, « Le passage des recueils d'*exempla* aux langues vernaculaires. Nouveaux publics ? Nouveaux usages ? », dans Ludmilla Evdokimova et Victoria Smirnova (s. d.), *L'œuvre littéraire du Moyen Age aux yeux de l'historien et du philologue*, Paris, Classiques Garnier, 2014, p. 359-375 ;
- El. Schulze-Busacker, *Proverbes et expressions proverbiales dans la littérature narrative du Moyen Age français : recueil et analyse*, Paris-Genève, 1985,
- Claude Buridant, " Les proverbes et la prédication au Moyen Âge ", in François Suard et Claude Buridant (dir.), *La richesse du proverbe*, Lille, Université de Lille III, vol. 1, 1984, p. 23-54 ;

Bizzarri, Ugo, Rohde, Martin (dir.), *Tradition des proverbes et des exempla dans l'Occident médiéval / Die Tradition des Sprichwörter und exempla im Mittelalter. Colloque Fribourgeois, 2007 / Freiburger Colloquium, 2007*, Berlin - New York, de Gruyter (coll. *Scrinium Friburgense*, 24), 2009, notamment : Jacques Berlioz et Marie Anne Polo de Beaulieu, « Car qui a le vilain, a la proie. Les proverbes dans les recueils d'*exempla* (XIII^e-XV^e siècle), p. 27-65 ;

Joseph Morawski, *Proverbes français antérieurs au XV^e siècle*, Paris, Champion, 1925 ;

Alfons Hilka, « Atfranzösische Sprichwörter » dans *Beiträge zur Fabel- und Sprichwörterliteratur*, 91, 1913, p. 21-38 ;

. Marie Anne Polo de Beaulieu, « Usages et fonctions des proverbes dans le *Ci nous dit* », in, *Le tonnerre des exemples...op. cit.*, p. 345-365 ;

Marie Anne Polo de Beaulieu (dir.), *Formes dialoguées dans la littérature exemplaire du Moyen Age*, Paris, Honoré Champion, 2012 ;

P. von MOOS, « Le dialogue latin au Moyen Age : l'exemple d'Évrard d'Ypres », in *Annales ESC*, juillet-août 1989, n° 4, pp. 993-1028 ;

Jean-Yves Tilliette, « Belles lettres et mauvais rêves », dans *Le Rêve médiéval. Etudes littéraires* réunies par Alain Corbellari et Jean-Yves Tilliette, Droz, (Recherches et Rencontres – 25) 2007, p. 14-36.

*Tradução do francês para o português da Prof. Ms. Bianca Miranda Cardoso (NEREIDA/Brathair). Revisão da tradução francesa ao português, Prof. Ms. Thiago de Souza Ribeiro Chaves (PEM-UnB).

¹ Jean Thiebaud Welter, *L'exemplum dans la littérature religieuse et didactique du moyen âge*. (Biblioteca de História Eclesiástica da França 8, Auch, Teses de línguas francesas 2. Ser., 59). Paris/Toulouse 1927 Nachdruck Genf 1973; Claude Bremond, Jacques Le Goff, Jean-Claude Schmitt, *Les exemplum*, Turnhout, Brepols, Tipologia de Fontes da Idade Média Ocidental, fasc. 32, 1984, reed. 1996, p. 37-38. Note-se que, desde 1968, Rudolf Schenda lançou uma investigação sobre os *exempla* medievais.

² Jacques Berlioz, Marie Anne Polo Beaulieu, *Les exempla médiévaux: Nouvelles perspectives*. Paris/Genebra: 1998; Marie Anne Polo de Beaulieu, Pascal Collomb e Jacques Berlioz (ed.), *Le Tonnerre des exemples. Exempla et médiation culturelle dans l'Occident médiéval*. Rennes, Presses Universitaires de Rennes (coll. *Historie*): 2010. É possível pesquisar notícias sobre os *exempla* no site de GAHOM: <http://gahom.ehess.fr/>

³ Silk, Mark Reuel, *Scientia rerum: the Place of Example in Later Medieval Thought*. Harvard University, Ph. D. 1982 (*Dissert Abstr. intern.* 43 A, 1982-1983, 1639).

⁴ A complexidade da relação entre *exemplum* monástico e mendicante foi analisada nos trabalhos de Opper, Hans Detlef, *Exempel und Mirakel* em *Archiv für Kulturgeschichte*, 59, 1976, p. 96-114 e no *Le Tonnerre des exemples*, op. cit., p. 103-285.

⁵ A *cura animarum* confiada aos monges tornara-se uma prática aparentemente difundida para que o papa Inocêncio III tenha se referido a ela em sua carta de 19 julho de 1214, dirigida aos abades cistercienses. Um *exemplum* de *Dialogus miraculorum* de Cesário de Heisterbach evoca: "Um dia, esse monge, que você conhece bem, celebrando a Missa em sua paróquia..." como se fosse de uso comum (*Dialogus miraculorum*, ed. J. Stange, 1840, I, 24, vol. 1, p. 30).

⁶ Os trabalhos de Nicole Bériu insistiram nessa dimensão. Ver *Les maîtres de la parole – La prédication effective à Paris au XIII^e siècle*, 2 vol. Paris: Études Augustiniennes, 1999 ; Nicole Bériu e Franco Morenzoni, (dir.), *Prédication et liturgie au Moyen Âge*. Turnhout: Brepols (Bibliothèque d'Histoire culturelle du Moyen Âge, 5), 2008.

⁷ Jacobus a Vitriaco, *Sermones vulgares*, ed. Crane, 1890, n. 125.

⁸ Jacobus a Vitriaco, *Sermones vulgares*, op. cit., n. 139.

⁹ Franco Morenzoni, *Des écoles aux paroisses - Thomas de Chobham et la promotion de la prédication au début du XIII^e siècle*. Collection des Études Augustiniennes, Série Moyen Âge et Temps Modernes, 30. Paris: Institut des Études Augustiniennes, 1995.

¹⁰ Alanus de Insulis, *Summa de Arte Praedicatoria, Patrologia Latina*, t. 210, col. 111 – 198, col. 112: “non debet habere verba scurrilia, vel puerilia vel rythmorum melodias et consonantias metrorum, quae potius fiunt ad aures demulcendas, quam ad animum instruendum, quae praedicatio teatralis est et mimica, et ideo omnifarie contemnenda, de tali praedicatione dicitur a propheta: Caupones vestri miscent aquam vino” [Isaías 1.22].

¹¹ Humbert de Romans, *De erudicione praedicatorum*, liv. I, chap. 39. : J. Th. Welter, *L'Exemplum dans la littérature religieuse et didactique*, op. cit., op. cit., p. 70-71.

¹² Sobre os *reportationes* ou notas dos auditores, ver Nicole Bériou, *Les maîtres de la parole. La prédication effective à Paris*, op. cit.

¹³ M. A. Polo de Beaulieu, *De l'exemplum monastique à l'exemplum mendiant : continuités et ruptures*, em R. Forster et R. Günthart (hrsg.), *Didaktisches Erzählen. Formen literarischer Belehrung in Orient und Okzident*, Peter Lang Verlag, 2010, p. 55-84.

¹⁴ Marie Bouhaïk-Gironès e Marie Anne Polo de Beaulieu (s/d), *Prédication et performance du XII^e au XVI^e siècle*. Paris: Clisiques Garnier, 2013.

¹⁵ Ver Steven, Vanderputten, (dir.), *Understanding Monastic Practices of Oral Communication (Western Europe, Ten-Thirteenth Centuries)*. Brepols, 2011, Utrecht Studies in Medieval Literacy, 21, principalmente, Marie Anne Polo de Beaulieu, *Traces d'oralité dans les recueils d'exempla cisterciens*, p. 139-158.

¹⁶ Iacobus de Vitriaco, *Sermones vulgares uel ad status*, ed. J. Longère, Turnhout, Brepols, CCCM 255, 2013. Jean Longère publicou o prólogo e os primeiros 36 sermões dos 75 dessa coleção, a mais difundida das seis séries de sermões classificadas pelo próprio Jacques de Vitry.

¹⁷ Ver, por exemplo, o prólogo de Étienne de Bourbon (Stephanus de Borbone, *Prima pars, De Dono Timoris*, ed. Jacques Berlioz e Jean-Luc Eichenlaub. Turnhout: Brepols, 2002, CCCM 124), p. 4, l. 49 et p. 6, l. 111-113. Em *De Dono timoris*, as fontes orais se limitam a três menções (*ut audiui : exempla* 296, 306, 345i), ao passo em que são mais numerosas e variados em *De Dono Sciencie* (Stephanus de Borbone, *Tertia pars, De Dono Sciencie*, ed. Jacques Berlioz. Turnhout: Brepols, 2006, CCCM 124B.). Como inquisitor, Étienne de Bourbon teve acesso a confissões obtidas durante o interrogatório por *iuces et inquisitores* (n.º 943). Notemos que em várias compilações de mendicantes, os testemunhos obtidos em confissão são às vezes reutilizados nos *exempla*: Alan E. Bernstein, *Teaching and Preaching Confession in Thirteenth-Century Paris*. In: Albert Ferreiro (dir.), *The Devil, Heresy and Witchcraft in the Middle Ages. Essays in Honor of Jeffrey B. Russell*. Leidein-Boston-Köln: Brill, 1998, p. 111-130.

¹⁸ Sua mãe como informante: *Les Exemples du livre des abeilles*, op. cit., n.º 196, p. 228; seu pai: (ibid., n.º 203, p. 236): "Eu ouvi a mesma notícia de meu Pai há 40 anos" (em uma fonte enfeitada na Bretanha: ibid, n.º 222, p. 255); "Isso é o que aconteceu com um irmão da Ordem dos Pregadores com quem tenho ligações consanguíneas" (ibid., n.º 226, p. 258-259).

¹⁹ Josephus Strange, ed., *Caesarii Heisterbacensis monachi ordinis cisterciensis Dialogus Miraculorum*, 2 vol. Cologne, Bonn, Bruxelles: 1851, I, 35, p. 44-45 e I, 40, p. 52.

²⁰ Valentina Berardini, *Prédicateurs et acteurs. À la recherche d'indices de performance dans les sermons de la fin du Moyen Age em Prédication et performance*, op. cit., p. 79-90 ; C. Delcorno, *Da Vincent Ferrer a Bernardino da Siena. Il rinnovamento della predicazione alla fine del Medio Evo*, em *Mirificus predicator*. Em ocasião do sexto centenário de passagem de São Vincente Ferrier em país romando (s. d. B. Hodel et Fr. Morenzoni). Roma: Istituto Storico Domenicano, 2006. P. 7-38.

²¹ *Sermones vulgares*, op. cit., n.º 239.

²² *Sermones vulgares*, op. cit., n.º 254.

²³ Stephanus de Borbone, *Prima pars*, op. cit., n.º 54; Tubach 4237.

²⁴ Os encantos contra doenças dos olhos são atestados na antiga língua da alta Alemanha desde o século XI, e em latim desde o século XII; muitos envolvem santos e santas (Thècle, Suzanne, Longin, etc.). Cf. Claude Lecouteux, *Charmes, conjurations et bénédictions. Lexique et formules*. Paris: Champion, 1996 (Essais sur le Moyen Âge, 17). P. 116-117.

²⁵ Sobre a *Compilacio singularis exemplorum*, ver: J. Th. Welter, *L'Exemplum dans la littérature religieuse et didactique*, op. cit., p. 240-241; M. Vaisbrot, *Édition critique de la Compilatio singularis exemplorum (seconde partie), d'après les ms. d'Upsal, de Tours et de Berne*. In: *Positions des thèses...* Paris: École Nationale des Chartes, 1968. P. 183-184. Para a rubrica consagrada às feiticeiras (*De Carmintricibus*),

seguimos a edição de A. Hilka, *Altfranzösische Zaubersprüche (die Compilacio Singularis Exemplorum des Hs. Tours 468, ergänzt durch eine Schwesterhandschrift Bern 679)*, *Zeitschrift für romanische Philologie*, 37, 1913, p. 460-464, comparando-a com o ms d'Upsalla, BU 523, f^os 147v-148v (transcrição de Gérard Blangez) e edição (em preparo) de Alexander Loose (Martin-Luther-Universität Halle/Wittenberg), n^o 960 e 961. Jean-Patrice Boudet, « Femmes ambivalentes et savoirs magiques : retour sur les vetule » In: Anna Caiozzo et Nathalie Emoult (ed.), *Femmes médiatrices et ambivalentes : mythes et imaginaires*. Paris: A. Colin, 2012. P. 203-213 e sobre essas narrativas, Jacques Berlioz e Marie Anne Polo de Beaulieu, « Chardon branchu, scarabée cornu... » - *Charmes et sortilèges dans la Compilacio singularis exemplorum, recueil de récits exemplaires de la fin du XIII^e siècle, Mélanges Claude Gaignebet*, em edição.

²⁶ Jacques de Vitry, *Sermones Vulgares*, ed. Crane, 1890, n^o 311. P. 129-130.

²⁷ Jacques de Vitry, *Sermones Vulgares*, ed. Crane, 1890, n^o 107. P. 49-50. *Exemplum* célebre, repetido em *Scala coeli, Summa predicantium*, capítulo *Executores*, "Fete le court, que il ne croite, Que jeo ai grant chemin à aller"; em Thomas Wright, *A Selection of latin stories from manuscripts of the thirteenth and fourteenth centuries*, Londres (Percy Society, 8), 1842. p. 9-10, n^o VI (segundo o mss Harley 463).

²⁸ Jacques de Vitry, *Sermones Vulgares*, ed. Crane, 1890, n^o 273. P. 114.

²⁹ Jacques de Vitry, *Sermones Vulgares*, ed. Crane, 1890, n^o 242. P. 101.

³⁰ Nisso, ele se aproxima do autor anônimo da *Compilacio singularis exemplorum*.

³¹ Sobre todos esses textos e o problema do bilingüismo no *Scala coeli*, ver a introdução da edição, p. 70-72, e, de forma mais geral, Marie Anne Polo de Beaulieu, « Le passage des recueils d'*exempla* aux langues vernaculaires. Nouveaux publics ? Nouveaux usages ? ». In: Ludmilla Evdokimova e Victoria Smirnova (s. d.), *L'œuvre littéraire du Moyen Age aux yeux de l'historien et du philologue*. Paris: Classiques Garnier, 2014. P. 359-375.

³² El. Schulze-Busacker, *Proverbes et expressions proverbiales dans la littérature narrative du Moyen Age français : recueil et analyse*, Paris-Genève, 1985, p. 15 ; Claude Buridant, " Les proverbes et la prédication au Moyen Âge ", in: François Suard e Claude Buridant (dir.), *La richesse du proverbe*. Vol. 1. Lille: Université de Lille III, 1984. P. 23-54; Hugo Bizzarri, Martin Rohde (dir.), *Tradition des proverbes et des exempla dans l'Occident médiéval / Die Tradition des Sprichwörter und exempla im Mittelalter. Colloque Fribourgeois, 2007/Freiburger Colloquium, 2007*. Berlin - New York, de Gruyter (coll. Scriptorium Friburgense, 24), 2009, notadamente: Jacques Berlioz e Marie Anne Polo de Beaulieu, « Car qui a le vilain, a la proie. Les proverbes dans les recueils d'*exempla* (XIII^e-XV^e siècle)", p. 27-65.

³³ *Item, de dictis et prouerbiis philosophorum et libris eorum ; [...]* (*Tractatus de diuersis materiis praedicabilibus. Prologus. Prima pars de dono timoris*, Turnhout, 2002 (Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis, 124), p. 6, l. 99-100.

³⁴ De fato, há uma frase atribuída a um filósofo anônimo (retirada do prólogo da *Disciplina clericalis*) no primeiro livro do tratado de Étienne de Bourbon, I, III, 118-120 : «*Qui timet Dominum, omnia timent eum. Qui autem non eum timet, timet omnia*», segue outra sentença filosófica «*Non est transeundum per sedem gentis inique*» antes do *exemplum* n^o 424 da *Disciplina clericalis* n^o 7. É no *exemplum* n^o 420 (da *Disciplina clericalis*, 16) que se encontra finalmente um verdadeiro provérbio, mas dado somente em latim: «*qui habet malum vicinum habet malum matutinum*» : Joseph Morawski, *Proverbes français antérieurs au XV^e siècle*. Paris: Champion, 1925 : n^o 1809 : « *Qui a mal voisin si a mal matin* ».

³⁵ Encontramos no *Bonum universale de apibus* três provérbios na tradução de Henri Platelle, *Les exemples du Livre des abeilles*. Turnhout: Brepols, 1997: «Boa guarda, boa paz (*gallice proverbium dicitur ... Ubi bona custodia, ibi et bona pax*) » (II, 11, 2, p. 132) ; « Bom vinho traz lágrimas aos olhos – *Bonum vinum pinguem lacrymam ad oculum ducit* ». (II, 40, 9, n^o 144, p. 192) ; “Merece portar um sino pendurado a uma corrente de ouro o marido que durante o ano não se arrependeu da escolha de sua esposa.” (II, 49, 12 ; n^o 165, p. 207-208).

³⁶ Por exemplo, a *Tabula exemplorum* apresenta apenas cinco provérbios em francês antigo em um conjunto de 312 *exempla*. J. Th. Welter, éd., *La Tabula exemplorum secundum ordinem alphabeti. Recueil d'exempla compilé en France à la fin du XIII^e siècle*, Paris-Toulouse, 1927 (réimpr. Genève, 1973), *exempla* n^o 35, 38, 73, 74, 83.

³⁷ Alfons Hilka, « Atfranzösische Sprichwörter » In: *Beiträge zur Fabel- und Sprichwörterliteratur*, 91, 1913, p. 21-38. Cada provérbio é seguido por um ou mais versos latinos, sob forma de rimas hexâmetras dactílicas geralmente no hemistíquio. Esses versos propõem, inicialmente, uma tradução do provérbio latino, nem sempre literal, e às vezes próxima do comentário.

³⁸ Já na introdução, a importância dos provérbios é assinalada, vol. I, p. XCIX-CII, a tabela se encontra no vol II, p. 419-430. A indexação dos *exempla* e das imagens associadas está em curso no GAHOM, e o resultado será disponibilizado no *site* do GAHOM, na base de dados ThEMA (para os *exempla*) com um

link para o site da RMN (para as imagens). Marie Anne Polo de Beaulieu, « Usages et fonctions des proverbes dans le *Ci nous dit* ». In: *Le tonnerre des exemples...* op. cit. P. 345-365.

³⁹ Citado por Elisabeth Schulze-Busacker, introdução, p. 9, segundo a edição de E. Stengel, em *Zeitschrift für romanische Sprache und Literatur*, 14, 1982, p. 154-158, estrofe 35, verso 7.

⁴⁰ Claude Buridant, « Les proverbes et la prédication au Moyen Age. De l'utilisation des proverbes vulgaires dans les sermons », In: François Suard et Claude Buridant (dir.), *La richesse du proverbe*, op. cit. P. 23-54.

⁴¹ P. von MOOS, « Le dialogue latin au Moyen Age : l'exemple d'Évrard d'Ypres », in *Annales ESC*, juillet-août 1989, n° 4. Pp. 993-1028.

⁴² P. von MOOS, « Le dialogue latin au Moyen Age : l'exemple d'Évrard d'Ypres », in *Annales ESC*, juillet-août 1989, n° 4. Pp. 993-1028.

⁴³ *Dialogus miraculorum*, op. cit., I, 27, ed. Strange. P. 34.

⁴⁴ *Dialogus miraculorum*, op. cit., I, 13, ed. Strange. P. 20.

⁴⁵ *Dialogus miraculorum*, op. cit., I, 3, ed. Strange. P. 10.

⁴⁶ *Dialogus miraculorum*, op. cit., I, 26, ed. Strange p. 32, et I, 33, p. 40.

⁴⁷ *Dialogus miraculorum*, op. cit., I, 17, ed. Strange, p. 22 et I, 17, p. 25.

⁴⁸ *Dialogus miraculorum*, op. cit., I, 18, ed. Strange, p. 25.

⁴⁹ *Dialogus miraculorum*, op. cit., I, 6, ed. Strange, p. 13 et I, 34, p. 42.

⁵⁰ Conrado de Eberbach, no *Exordium Magnum*, adiciona uma densa introdução didática a essa narrativa e omite totalmente a de Herbert de Clairvaux: « Verdadeiramente Deus é inefável e inefável em suas obras. [...] Mesmo entre aqueles cujos vícios deveriam engoli-los no abismo da perdição, é para mais de um que ele estende sua mão toda poderosa para transferi-los para o reino glorioso do seu Filho amado [Col 1, 13]. Neste número, havia um jovem clérigo rico e nobre, preso a este mundo perverso. A bondade paternal de Deus arrebatou-o do turbilhão de prazeres por um castigo salutar, ensinou-lhe a não colocar a sua esperança nas riquezas enganosas e para não ceder aos instintos borbulhantes de sua idade, mas a adquirir, pelo trabalho duro da penitência, os verdadeiros bens da eternidade [Ps 45, 11]. Esse adolescente, habituado a uma vida fácil, não costumava pensar que as festas foram instituídas pelos santos padres para que os clérigos tivessem o prazer de cuidar do Senhor e de contemplar a sua divindade, e não para que pudessem jogar xadrez ou dados, ou entregar-se a outras trivialidades diabólicas (Conrad d'Eberbach, *Le Grand Exorde de Cîteaux*, tradução para o francês de A. Piebourg, sob direção de Jacques Berlioz, Turnhout, Brepols/Cîteaux, -Commentarii Cistercienses, 1998, p. 228-230).

⁵¹ Jean-Yves Tilliette, « Belles lettres et mauvais rêves », In: *Le Rêve médiéval. Etudes littéraires* reunidas por Alain Corbellari e Jean-Yves Tilliette, Droz, (Recherches et Rencontres – 25) 2007, p. 14-36, spéc. « Le novice fustigé », p. 19-27: narrativa autobiográfica próxima à de Otloh de Saint-Emmeran (*ibid.*, p. 35-36), que cita explicitamente o sonho de São Jerônimo.